

## Querido mestre

Simone Wajnman<sup>1</sup>

Querido mestre,

Haveria ainda o que dizer, que ainda não tenha sido dito, para enaltecer as suas infinitas qualidades pessoais e o seu papel essencial como demógrafo, professor e pesquisador?

Muito já falaram sobre sua enorme generosidade e verdadeira vocação para acolher e incluir a todos, com seus bons ouvidos e palavras sempre construtivas.

Já falaram sobre seu talento inato de Professor (P maiúsculo mesmo) que sabia como gerar curiosidade, compreensão, clareza e paixão pelos temas demográficos.

Inúmeros foram os reconhecimentos de você como o pai da demografia brasileira, aquele que desvendou a queda da fecundidade quando ninguém ainda sonhava com isso por aqui, a criatividade com os métodos indiretos de migração, as séries de fecundidade de coorte desde os tempos da Princesa Isabel, e tantas outras contribuições.

Já falaram também sobre seus *insights* verdadeiramente geniais para fazer descobertas metodológicas, descobrir onde se escondiam possíveis erros e apontar caminhos para sua solução.

Já falaram sobre seu genuíno comprometimento institucional, sua liderança natural, conquistada pelo talento em congregar esforços e gerar consensos. Sua contribuição decisiva para a criação e amadurecimento das mais importantes instituições da demografia.

Já falaram sobre sua simplicidade, que só tornava as outras demais virtudes ainda mais especiais.

Já falaram – muito, aliás – sobre seu vozeirão inconfundível, que imprimia autoridade a qualquer de seus comentários.

Por isso, não vou te ocupar mais com todos esses reconhecimentos. Mesmo porque estou certa de que você sempre soube muito bem de tudo isso, se orgulhava e não seria necessário ouvir tudo de novo.

Quero, então, falar da falta que sentimos e seguiremos sentindo da sua presença tão marcante.

Começa pelos corredores da Face. No momento sentimos falta dos corredores da Face propriamente ditos, mas a tão desejada volta ao convívio será um desafio e tanto, por sabermos que você não estará mais lá, nos “vigiando” atentamente, para saber se estamos presentes, com que humor estamos trabalhando e se a hora é adequada para um papinho, um cigarro debruçado no parapeito e, quem sabe, umas boas gargalhadas.

Ao longo dessas quatro décadas que convivemos ali, mestre, você foi realmente um mestre, mas também foi muito mais que isso. Me chamou na responsabilidade sobre os meus compromissos profissionais, me alertou sobre possíveis decisões equivocadas, me ouviu sempre que precisei, deu conselhos e me ensinou muito mais do que sobre demografia – embora não tenha sido

---

<sup>1</sup> Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

pouco o que aprendi com você de demografia. Sei que você confiava em mim, e essa confiança nunca vai deixar de me guiar. Nunca vai me permitir abrir a guarda se eu souber que do meu esforço depende a adaptação de um aluno, o bem-estar de um colega, a nossa estabilidade como grupo.

Particularmente, vou sentir muita falta de nossas aulas compartilhadas, nossos esforços para oferecer aos alunos a melhor compreensão possível dos métodos demográficos, as famosas entrevistas de TAD (disciplina de técnicas de análises demográficas) que nunca eram apenas avaliações, mas excelentes momentos para aprender sempre um pouco mais, para relaxar, para gerar confiança entre os estudantes e nós. Você nunca arredou o pé de sua convicção quanto à importância dessas entrevistas. Tive muitas dúvidas em vários momentos. O curso mudou, o perfil dos estudantes mudou, e parecia que podíamos evoluir para métodos mais modernos de avaliação. Creio que você apostava na força de uma tradição que ajudou a constituir a nossa marca. E hoje não tenho qualquer dúvida de que você estava certo. No que depender de mim, as entrevistas de TAD serão experiências pelas quais nossos alunos todos passarão.

E o que dizer dos almoços mineiríssimos, que começaram no Mercado Central, enquanto a Face ainda estava no velho prédio da Rua Curitiba? Você saía convocando um por um, não acreditando em quem ousava perder a sensacional rabada de quinta-feira do Bar do Mané Doido. A expedição saía da Face pouco antes do meio-dia, para garantir que a refeição não estivesse esgotada, sentávamo-nos em mesas separadas, porque a movimentação do bar e as mesas mínimas não permitiam que nos sentássemos todos juntos, e dali, muito satisfeitos – um pouco mais do que uma tarde de trabalho pela frente aconselharia –, seguíamos para uma fatia de abacaxi como sobremesa e digestivo.

A mudança para o *campus* da Pampulha nos tirou o Mercado Central, mas você soube rapidamente encontrar um substituto à altura, para uma deliciosa comida mineira, um papo e uma agradável pausa do dia. Na hora do almoço você passava de sala em sala perguntando quem viria junto e era quase impossível dizer que não. Muitas vezes eu disse: “não posso, estou muito ocupada para sair para almoçar”. Você fazia a sua careta típica e dizia: “que diferença vai fazer? Todo mundo precisa comer um feijão com arroz no meio do dia”. Assim, saíamos em pequenos grupos para almoçar no Ouro Preto, uma senhora comida gostosa, que nunca cansávamos de elogiar. Eu dizia que era impossível comer pouco e rapidamente ali. Mais uma vez sua careta típica. Reclamava da minha eterna pressa. Sobre ela, você me disse mais de uma vez: “não tente dar conta de tudo o que parece urgente, 95% dos problemas se resolverão sozinhos, os outros 5% irão se impor e você vai dar conta”.

Já sinto falta também das nossas conversas sobre literatura, as trocas de livros, as recomendações de leitura, quando você me influenciou a descobrir tantos autores e ler e reler com outros olhos os que eu já conhecia. Eu chegava em sua sala e você tinha sempre na mesa um livro aberto, uma nova sugestão, um artigo de jornal que precisava urgentemente compartilhar. Tínhamos muitas afinidades na forma de enxergar as coisas.

Em uma de nossas últimas conversas, em meu gabinete, logo antes do início da pandemia, você me cobrou sobre minha recém tomada decisão de me aposentar. Parecia impossível você entender que alguém pudesse voluntariamente deixar aquele trabalho e o dia a dia de nossa universidade, nosso programa de pós-graduação e a vida de nossos alunos. Eu expliquei como tudo isso continuaria sendo sempre muito importante para mim, mas eu desejava também me dedicar a outras atividades, enquanto ainda tivesse energia e saúde para isso. Você me olhou como se eu tivesse pousado ali, vinda diretamente de Marte. Pensou um pouco, respirou e disse: “tudo bem, não entendo isso muito bem, mas você deve ter razão. Mas essa decisão não te fará

se afastar daqui, não é mesmo? Temos ainda muito o que fazer por esse curso e pelos nossos alunos. Posso ficar tranquilo de que você não vai sumir, não é?”

Não vou sumir, mas, francamente, não me conformo que você tenha quebrado sua promessa de estar sempre ali. Parecia que seria realmente para sempre. E, pensando bem, de fato é. Sua presença estará sempre ali nos indicando o melhor caminho, os bons valores, a conciliação. No entanto, sempre ressaltando que “quem leu a bíblia sabe que é preciso amar o próximo como a si mesmo. Mas não mais do que a si mesmo”. Pra sempre, Zé!